

AS OCORRÊNCIAS DE VÍRGULA EM MANUSCRITOS DE ESCRIVENTES PORTUGUESES RECÉM-ALFABETIZADOS

JULIANA DE ARAÚJO DE MELO¹
EDUARDO CALIL²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as ocorrências de vírgulas em manuscritos escolares de alunos portugueses recém-alfabetizados de 2º ano do Ensino Fundamental. A discussão dar-se-á com o apoio dos estudos sobre pontuação inicial de Hall (1996), Ferreiro e Teberosky (1999), Ferreiro e Pontecorvo (1996), Wassolf (2007), além das noções gramaticais observadas em Bechara (2019). Os dados são provenientes do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME) e a amostra, definida por conveniência, compreende a análise de manuscritos de duas duplas de uma mesma turma, escrevendo histórias inventadas a partir da mesma consigna feita pelo professor. Serão observadas quais, quantas e em que posição ocorrem as marcas de vírgula, além das semelhanças e diferenças entre os manuscritos de uma mesma dupla (intradupla) e entre as duplas (interduplas). As análises mostraram que os usos da vírgula pelas crianças apresentam relação com as narrativas ficcionais pertencentes ao universo infantil. Além disso, as ocorrências de vírgula que verificamos entre os textos das duplas nos possibilitaram constatar uma forte relação com questões sintáticas, ou seja, dos usos formais da língua.

Palavras-chave: Manuscrito escolar, Pontuação, Vírgula.

1 Doutoranda em Linguística - PPGLL, da Universidade Federal - UFAL, juliaramelo@hotmail.com

2 Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Laboratório do Manuscrito Escolar – LAME, Maceió, Alagoas, Brasil; CNPq Proc. 304050/2015-6, FAPEAL, Proc. 60030 479/2016; calil@cedu.ufal.br

INTRODUÇÃO

As investigações sobre pontuação apresentam indícios de que há a necessidade de pesquisadores debruçarem-se acerca da natureza do aprendizado, isto é, compreender de que forma os sujeitos aprendem a pontuar. Segundo Hall (1996), é recente o interesse de estudos sobre pontuação inicial. Para o autor existe uma cultura que priorizou, desde os estudos mais antigos, investigações relacionadas ao desenvolvimento alfabético das crianças. Faltam bases substanciais que se dediquem ao que leva as pessoas a aprenderem a pontuar. Todavia, o que mais se observa em relação à pontuação, de acordo com Hall (1996), são relatos descritivos do sistema de pontuação e das regras para utilizá-lo.

Wassolf (2007), ao realizar um levantamento acerca de trabalhos sobre pontuação e escrita infantil, alega existirem poucos estudos que tratam do desenvolvimento da criança no uso da pontuação com a aprendizagem da estrutura da linguagem escrita e a maneira como os limites sintáticos são convencionalmente marcados com o uso de pontuação. Os estudos que tratam da aprendizagem da pontuação por crianças, segundo a autora, são principalmente de dois tipos: aqueles que se baseiam exclusivamente na análise *a posteriori* da escrita infantil e aqueles que tentam obter uma visão mais completa dos processos subjacentes à aprendizagem das crianças, incluindo as opiniões delas.

Rocha (1997), admite que a natureza da pontuação tem sido um raro objeto de discussão, com estudos limitados aos aspectos prescritivos e, em menor proporção, os descritivos. A autora ressalta, porém, que o conhecimento da pontuação sob os pontos de vista diacrônico e sincrônico pode fornecer um melhor esclarecimento do porquê haver lacunas no ambiente escolar em relação à pontuação e um melhor entendimento acerca da flutuação contemporânea sobre o assunto.

Em relação à pontuação inicial, Ferreiro e Teberosky (1985) reconhecem que o ambiente no qual a criança está inserida é um ponto efetivo para que ela passe a conhecer e ter os primeiros contatos com a pontuação. É a interação com o social que leva as crianças a reconhecerem, mais cedo, o papel dos sinais de pontuação nos processos que envolvem a linguagem em uso. Nesse contexto, evidencia-se que as experiências sociais distintas revelam desempenhos distintos quanto à pontuação inicial, e que a associação entre letramento escolar e

letramento social (extraclasse) é determinante para a progressão do aluno no processo de alfabetização.

Chacon (2003, p. 108), revela que os significados que os sujeitos escreventes atribuem à pontuação estão vinculados diretamente às práticas de letramento que envolvem materiais de escrita, principalmente, em situação escolar. Nesse sentido, a escola, “agência de letramento por excelência” (KLEIMAN 2007), tem papel importante no desenvolvimento de atividades que envolvam a escrita e, consequentemente, à representação mental que a produção escrita atribui aos elementos linguísticos em escreventes recém-alfabetizados.

A literatura acerca das Marcas de Pontuação, doravante MP, de alunos recém-alfabetizados expõe o fato de que a criança demora para inserir marcas de pontuação em seu texto (HALL, 1996). Não há sugestão de que as crianças entendam, em qualquer sentido convencional, o que é pontuação e o que ela faz no sentido de um texto.

A metalinguagem gramatical utilizada para descrever a pontuação aponta para critérios controversos que pouco contribuem para o entendimento de como se dá a pontuação na construção textual. As gramáticas, segundo Dahlet (2002, p. 30), “ajudam muito pouco em matéria de saber pontuar”. Isso decorre, sobretudo, do engodo epistemológico em explicar a pontuação como fator dependente da oralidade ao atribuir a noção de pausa, tornando-a dependente dos processos que envolvem a linguagem falada. Tal entendimento “leva quase inevitavelmente a aporias, a representações aproximativas, bem como a uma metodologia confusa”. (DAHLET, 2002, p. 39)

Ao compreender a importância da pontuação e percebendo a necessidade de mais estudos se debruçarem sobre o tema, Hall (1996) questiona por que o mundo educacional está repleto de pesquisas sobre ortografia, mas aparentemente nem percebe a ausência de estudos sobre aprender a pontuar. Para o autor, é claro que muitos autores e pesquisadores abordaram a pontuação de alguma forma, e muitos livros sobre escrita ou gramática incluem páginas sobre pontuação, mas também sobre ortografia. No entanto, o que está claro é que quase nenhuma das reivindicações feitas a respeito de aprender a pontuar é baseada em uma base substancial de pesquisa sobre o aprendizado de pontuação.

Todavia, Hall (1996) destaca que uma coisa é clara para todos os professores de crianças pequenas - os jovens aprendizes tratam a

pontuação da mesma maneira generativa com que lidam com a ortografia. Os erros que eles cometem são evidências claras de tentativas sérias de entender como a pontuação funciona.

Para Wassolf (2007), A pontuação é um sistema de símbolos relativamente discretos usados na linguagem escrita ao lado das letras que formam as palavras. As marcas de pontuação podem não ser muito visíveis, mas elas são essenciais para tornar a escrita significativa e compreensível. A autora³ salienta ainda que o aumento no uso da pontuação, em textos infantis, é reflexo do aumento da maturidade sintática, a qual é evidenciada por meio de construções de frases cada vez mais complexas e uso de estruturas específicas para escrever, tais como subordinação, voz passiva ou frases mais longas. Todos esses desenvolvimentos exigiriam um aumento do uso de pontuação para marcar a estrutura gramatical.

Wassolf (2007) reconhece que evidências disponíveis sobre o desenvolvimento das crianças nas habilidades metalinguísticas e, em particular, nas habilidades metassintáticas está longe de ser satisfatório. No entanto, a pesquisadora admite que a meia infância é um momento privilegiado para a início de tais habilidades e que um certo grau de domínio sobre uma determinada forma linguística deve ser adquirido antes que a criança adquira conhecimento metalinguístico sobre ele.

Em estudos realizados, a exemplo de Silva (2010), constatou-se que o uso da pontuação está diretamente relacionado ao domínio do gênero textual. Para Ferreiro e

Teberosky (1999, p. 61), os sinais de pontuação “podem facilmente ser fator de confusão⁴”, quando utilizados por crianças no início do ensino escolar, e que a discriminação do uso desses sinais é atribuída a uma exploração de variados textos, e não somente dos trabalhados no contexto da sala de aula.

Dos muitos estudos existentes acerca da pontuação, o que aqui realizamos observará a pontuação em relação ao manuscrito, no qual observaremos quais, quantas e em que posição ocorrem as marcas

3 Idem.

4 Vale salientar que, segundo as autoras, “o que aparece como confusão aos olhos do adulto não é, na realidade, senão uma sistematização da criança que opera sobre bases muito diferentes das do adulto”. (FEEREIRO e TEBEROSKY, 1999, P. 67).

de pontuação, além de compararmos as semelhanças e diferenças entre os manuscritos de uma mesma dupla (intradupla) assim como os manuscritos entre as duplas (interduplas).

METODOLOGIA

O corpus deste estudo foi extraído do material coletado em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola portuguesa no ano de 2015. Ele pertence ao banco de dados “Práticas de Textualização na Escola” (PTE) do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O dossiê de nossa análise é composto por duas tarefas de produção textual.

Para a escolha das díades analisadas observou-se os critérios grau de amizade entre os alunos e envolvimento/dedicação com as atividades de produção escrita. Por questões éticas, preservaremos as identidades das duplas, referindo-se a elas através dos códigos D2 (codificação EE_002_D2) e D4 (codificação EE_004_D4), respectivamente, dupla número 2 e dupla número 4.

Os dados que servirão de base para este artigo são oriundos das produções escritas realizadas nos dias 05/02/2015 e 10/02/2015, numa instituição pública portuguesa de ensino básico de primeiro ciclo. Antes de cada produção escrita, a professora da turma realizava a consigna da atividade. Na consigna do dia 05/02/2015, foi solicitado às díades que deveriam criar uma história em que a personagem Branca de Neve vive no tempo dos dinossauros; já na consigna do dia 10/02/2015, a docente explica que a história criada seria livre, podendo os alunos escreverem sobre o que eles quisessem. Vale salientar que ambas as propostas de produção textual foram bem aceitas pelas duplas, que se mostraram entusiasmadas ao ouvirem as consignas.

Ao longo da coleta dos dados, a professora da turma investigada definiu entre as duplas que iriam escrever a história. Foi dada uma quantidade determinada de tempo para que as díades combinassem a história que seria escrita e, logo em seguida, após a díade sinalizar, eram distribuídas caneta e folha pautada para a atividade escrita, além da disponibilização de folha A4, para que os alunos pudessem ilustrar suas histórias após o processo de escrita.

Em relação às consignas dadas pela professora da turma, no dia 10/02/2015, as duplas receberam da docente a orientação de que

poderiam inventar qualquer história. No dia 05/02/2015, porém, a docente deixava claro que as histórias criadas deveriam ter como base a presença da personagem Branca de Neve e o universo dos dinossauros.

Para registro de análise, procedemos identificando em cada texto a quantidade de palavras, pontuações utilizadas, especificamente, a vírgula, contabilizando quantas e em quais locais essa marca aparece nos textos das díades. A saber, dia 05/02/2015- texto de D2: 168 palavras e texto de D4: 140 palavras; dia 10/02/2015- texto de D2: 171 palavras e texto de D4: 137 palavras).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bechara (2019, p. 638) afirma que

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema; uma vírgula, uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Ao afirmar isso, o gramático deixa claro que os sinais de pontuação são imperantes para a compreensão dos significados que queremos atribuir à nossa mensagem, ao atuarem como “peça fundamental da comunicação”. Na linguagem escrita, por se constituírem um tipo especial de grafema, os sinais de pontuação são capazes de estabelecer sentido ao que se diz, revelando as funções sintáticas e expressivas que o escrevente pretende atribuir aos termos empregados no texto.

De acordo com Ferreiro e Pontecorvo (1996, p. 153), “a pontuação é parte do que se escreve, não do que se diz. São marcas silenciosas

que guiam a interpretação (...).” Nesse sentido, as autoras nos levam à compreensão de que a pontuação é elemento intrínseco e parte constituinte da língua escrita, tornando-se aspecto visível e delimitador da leitura e da mensagem quando presente em um texto. Para Dufour e Chartrand (2014), os sinais de pontuação não apenas separam ou delimitam unidades sintáticas. Certos sinais são “enunciativos”, pois carregam indicações que se relacionam não apenas à construção da frase, mas à do enunciado, ao ato de produzir uma mensagem, ao uso da fala relatada: o traço, as aspas, os dois pontos, que anunciam as palavras, e a vírgula, que precede ou envolve as frases incisivas e incidentais.

Nesse sentido, compreender como e em quais momentos as crianças utilizam a pontuação, aqui, especificamente a vírgula, possibilitar-nos-á uma melhor reflexão sobre como esses escreventes entendem a pontuação na construção das ideias do texto.

O quadro abaixo apresenta uma síntese da quantidade de vezes em que a vírgula apareceu nos textos produzidos.

Díade (Codificação)	Ocorrências de vírgula no texto (Produção do dia 05/02/2015)	Ocorrências de vírgula no texto (Produção do dia 10/02/2015)
D2 (EE_002_D2)	11 ocorrências de vírgula no texto	21 ocorrências de vírgula no texto
D4 (EE_004_D4)	5 ocorrências de vírgula no texto	3 ocorrências de vírgula no texto

Tabela 1. Quantidade de vezes, por produção, em que houve o uso da vírgula nas díades D2 e D4.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

ANÁLISE INTERDUPLA

Os números nos mostram que ambas as díades fazem uso da vírgula em seus textos, porém é relevante a diferença entre as vezes em que essa pontuação aparece nas produções de cada dupla. Percebemos que a díade D2 consegue nas duas produções superar quantitativamente a utilização de vírgulas, quando comparamos com as produções textuais de D4. Ao observarmos os diferentes textos escritos por cada dupla, percebemos uma forte relação entre usos da vírgula e fator sintático, em ambas as produções textuais. O uso de vírgula realizado por D2, por exemplo, tem forte ligação com os critérios gramaticais. A dupla utilizou vírgulas para: separar orações presentes em um mesmo

período; separar os conectivos adversativos, a exemplo do “mas”, dos demais elementos; expressões adverbiais temporais, de modo e de intensidade, como veremos nos trechos⁵ abaixo.

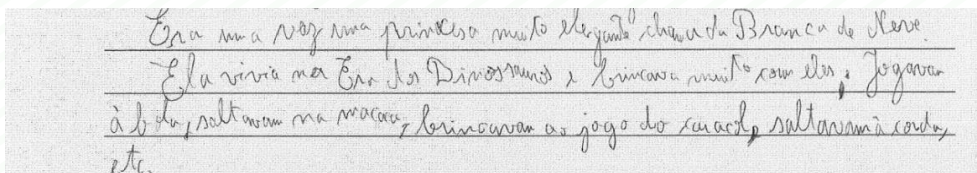


Figura 1 – Ocorrência de vírgula para separar orações. Título do manuscrito: “Branca de Neve na barriga do T-Rex”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

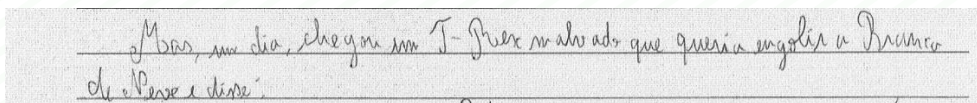


Figura 2 – Ocorrência de vírgula para marcar o uso de conectivo adversativo e expressão adverbial temporal. Título do manuscrito: “Branca de Neve na barriga do T-Rex”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

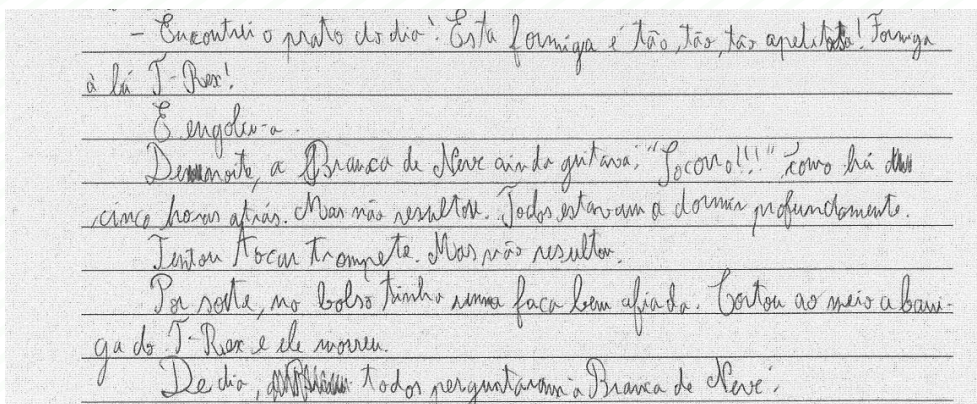


Figura 3 – Ocorrência de vírgula para marcar expressão adverbial de intensidade, de modo e expressão adverbial temporal. Título do manuscrito: “Branca de Neve na barriga do T-Rex”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

5 Trechos da díade D2 retirados da produção textual realizada no dia 05/02/2015.

Em relação à díade D4, destacamos que as vírgulas foram utilizadas para: separar o conectivo adversativo “mas” do resto da oração; separar oração conformativa da sua principal; separar substantivos, e destacar expressão adverbial de lugar, respectivamente, conforme os trechos⁶ que mostraremos logo abaixo.

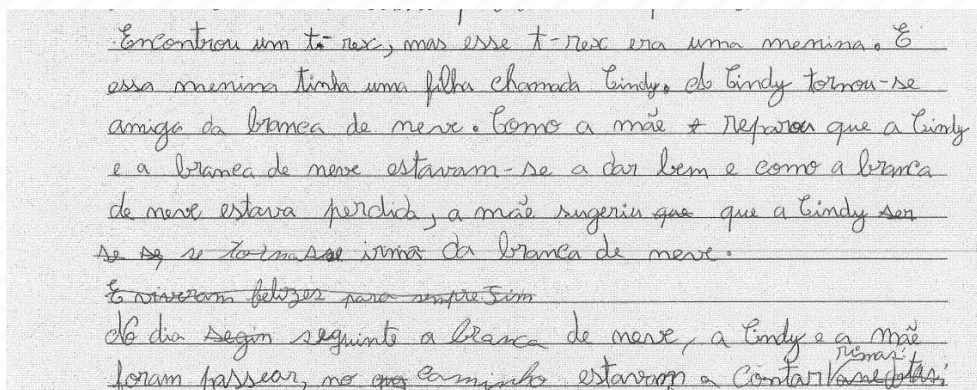


Figura 4 – Ocorrência de vírgula para marcar o conectivo “mas”; separar oração conformativa da sua principal; separar substantivos, e destacar expressão adverbial de lugar. Título do manuscrito: “A Branca de Neve no tempo dos dinossauros”. Codificação do manuscrito – EE_004_D4.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

As ocorrências de vírgula que verificamos entre os manuscritos das duplas nos possibilitaram constatar uma forte relação com questões sintáticas, ou seja, dos usos formais da língua. Em ambas as díades, seguiu-se o padrão normativo para a utilização da vírgula. Mesmo não operando sobre as mesmas bases de reflexão que o adulto (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999), as crianças recém-alfabetizadas, aqui observadas, trazem em seus textos a vírgula marcada sob fatores que demandam conhecimento sintático. Para Ferreiro e Teberosky (1999), as crianças muito antes de saber ler um texto, são capazes de tratá-lo em função de certas características formais específicas.

6 Trechos da díade D4 retirados da produção textual realizada no dia 05/02/2015.

ANÁLISE INTRADUPLA

Em relação aos textos produzidos no dia 10/02/2015, ao compararmos as semelhanças e diferenças entre os manuscritos de uma mesma dupla, percebemos que houve uma diferença considerável entre a pontuação interna aos textos das díades D2 e D4. Em D4, a ocorrência de vírgula apresentou uma diminuição, quando comparamos com o texto produzido pela mesma dupla anteriormente (dia 05/02/2015). Além dessa diminuição da pontuação no texto, a díade utilizou-se de vírgula sob uma única explicação sintática: separar os nomes de uma lista.

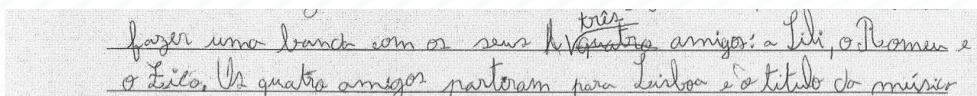


Figura 5 – Ocorrência de vírgula para separar os nomes de uma lista. Título do manuscrito: “A banda da Luna”. Codificação do manuscrito – EE_004_D4.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

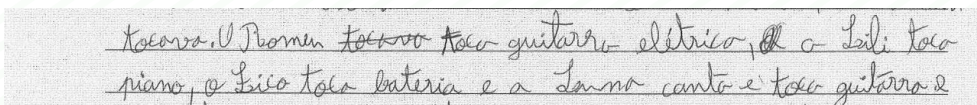
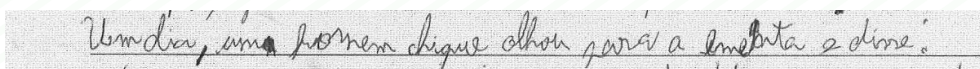


Figura 6 – Ocorrência de vírgula para separar enunciados cuja estrutura se repete. Título do manuscrito: “A banda da Luna”. Codificação do manuscrito – EE_004_D4.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

A díade D2, por outro lado, manifesta as ocorrências de vírgula em sentido contrário de D4, aumentando em quase o dobro de vezes a utilização de vírgula no texto escrito no dia 10/02/2015, ampliando e diversificando as motivações sintáticas que justificam o aparecimento da vírgula na produção escrita. A pontuação foi utilizada para marcar expressões adverbiais de tempo, como em “Um dia” e “no dia seguinte”; para marcar expressões acessórias intercaladas, como em “sem dizer nada”; para marcar o predicativo “chateada”; para evidenciar expressões explicativas, iniciadas pela preposição “para” e pela expressão “por exemplo”, conforme podemos verificar nos trechos abaixo.

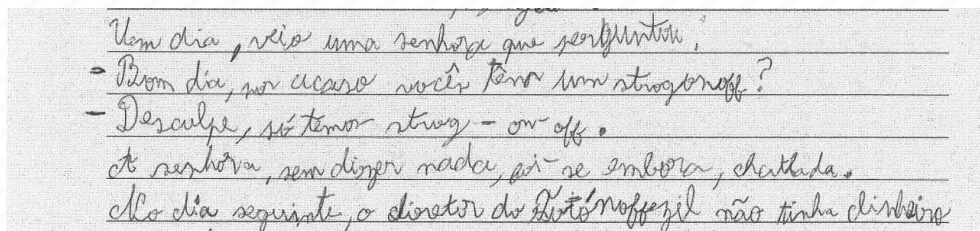


Um dia, um homem chegou para a limpeza e disse:

Figura 7 – Ocorrência de vírgula para marcar expressão adverbial de tempo.

Título do manuscrito: “O restaurante Totónoffezil”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

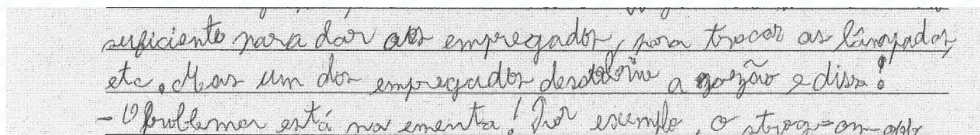
Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar



Um dia, veio uma senhora que perguntou:
- Bom dia, por acaso você tem um strogonoff?
- Desculpe, só temo strog-on-off.
A senhora, sem dizer nada, foi-se embora, chateada.
No dia seguinte, o diretor do Totónoffezil não tinha dinheiro

Figura 8 – Ocorrência de vírgula sob diferentes motivações sintáticas. Título do manuscrito: “O restaurante Totónoffezil”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar



suficiente para dar aos empregados, para trocar as limpezas etc. Mas um dos empregados desobedeceu a ordem e disse:
- O problema está nas ementas! Por exemplo, o strog-on-off

Figura 9 – Ocorrência de vírgula para marcar expressões explicativas. Título do manuscrito: “O restaurante Totónoffezil”. Codificação do manuscrito – EE_002_D2.

Fonte: Laboratório do Manuscrito Escolar

Constatamos que a diferença considerável de aparecimento da vírgula entre as produções de uma mesma dupla pode estar associada à consigna da proposta de atividade enunciada pela professora da turma, que proporcionou liberdade de escolha do texto produzido. Por se tratar de uma atividade de escrita que demandava maior criatividade na composição da história, a dupla D2, caracterizada por apresentar maior criatividade nas produções textuais, demandou mais a necessidade da pontuação na construção dos sentidos que quis atribuir ao texto. D2 manteve as motivações de marcação de vírgula em expressões adverbiais temporais, a exemplo de “um dia”, “no dia seguinte”, e mostrou a pontuação na marcação de saudações iniciais no discurso direto, como em “-Bom dia” e “-Desculpe”, apresentando a vírgula como um recurso

capaz de substituir a exclamação, como de costume é utilizada por escreventes de maior idade na marcação de tais expressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se espera verificar a ocorrência de vírgulas, em manuscritos escolares de estudantes recém-alfabetizados, tomando como base critérios sintáticos, como vimos nas discussões acima. Tal fato, para ser melhor explicado, precisa ter a sua gênese traçada, evidenciando as atividades metalinguísticas verbalizadas no momento em que a pontuação surge dentro do texto escrito. As explicações sintáticas para os usos constatados de vírgula nos textos são baseadas, neste momento, no produto final – o texto escrito.

Ademais, as análises do texto escrito já conseguem evidenciar que as motivações externas ao texto mostram-se presentes nas composições das díades aqui analisadas. O letramento escolar, associado ao letramento que as crianças já trazem consigo ao adentrarem a escola, justificam a presença de pontuação nos textos infantis, corroborando o que Ferreiro e Teberosky (1985) defendem, de que o ambiente no qual a criança está inserida favorece a escrita e a internalização de elementos linguísticos que contribuem para o entendimento e a construção das ideias de um texto.

Retomando as ideias de Bechara (2019, P. 640), “O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica (...)”. Ao que parece, as crianças recém-alfabetizadas, de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, já conseguem entender a pontuação como elemento enunciativo marcador da estrutura gramatical.

Essa constatação nos remete ao que Wassolf (2007) defende, a ideia de que o aumento no uso da pontuação, em textos infantis, é reflexo do aumento da maturidade sintática, a qual é evidenciada por meio de construções de frases cada vez mais complexas. Desenvolvimento que exige um aumento do uso de pontuação para marcar a estrutura gramatical.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. 716 p.

CHACON, L. **Oralidade e letramento na construção da pontuação**. Curitiba: **Letras**, n. 61, p 97-122, 2003.

DAHLET, Véronique. **A pontuação e sua metalinguagem gramatical**. Belo Horizonte: Estudos Linguísticos. v.10, n.1, p 29-41, 2002.

DUFOUR, M; CHARTRAND, S. **Enseigner Le Système de La Ponctuation**. França: Cairn.Info, V.4, n. 187, p. 91-99, 2014.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284 p.

_____. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**. São Paulo: Ática, 1996. 229 p.

HALL, N. Introduction and overview: in Hall & ROBINSON, A. **Learning about punctuation**. (pp 3-36). Clevedon: Multilingual Matters LTD, 1996.

KLEIMAN, A. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Santa Cruz do Sul: Signo. V. 32, n. 53, p. 1-25, dez, 2007.

ROCHA, Iúta L. V. **O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva**. DELTA, São Paulo, v.13, n.01, p. 83-117, 1997.

SILVA, A. **A aprendizagem da pontuação por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise a partir da produção de diferentes gêneros textuais**. Pelotas: Cadernos de Educação. P. 139-169, 2010.

WASSOLF, C. **The development of key stage 2 children's understanding of grammatical punctuation**. 2007. Tese de Doutorado – Institute of Education – The Manchester Metropolitan University.